



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL-UAB
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



CENTRO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA A DISTÂNCIA

**ADELMA DE LIMA SOUZA
MARIA EDNEIDE DE JESUS
MARIA LUCIENE SILVA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS
ALUNOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
uma análise das metodologias de ensino.**

SANTANA DO IPANEMA-AL

2014

ADELMA DE LIMA SOUZA
MARIA EDINEIDE DE JESUS
MARIA LUCIENE SILVA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS
ALUNOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
uma análise das metodologias de ensino.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como
requisito final para obtenção do Grau de
Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Martha Minervino

SANTANA DO IPANEMA-AL

2014

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: uma análise das metodologias de ensino.

ADELMA DE LIMA SOUZA
MARIA EDINEIDE DE JESUS
MARIA LUCIENE SILVA

RESUMO

Este artigo é fruto de pesquisa interventiva realizada durante o curso de Graduação em Pedagogia, que tem como objetivo analisar as metodologias utilizadas em salas de aula no processo de alfabetização e letramento dos educandos de 1º e 2º ano de uma escola rural, e sua contribuição para a superação do fracasso escolar. A metodologia utilizada para a pesquisa foi do tipo pesquisa-ação, com estudos de referenciais teóricos que tratam do tema em questão; e, pesquisa de intervenção para conhecimento da realidade e levantamento de dados, utilizando como instrumento de pesquisa questionários contendo oito perguntas fechadas aplicado a quatro educadores. Concluiu-se, ao final da pesquisa, que ao promover metodologias diversas, através de recursos didáticos facilitadores do processo de leitura e escrita, e, por meio de diferentes portadores de textos como elementos motivadores e facilitadores da construção de habilidades e competências leitoras, viabilizar-se-á um melhor rendimento escolar aos educandos, com vistas a produzir bons resultados.

Palavras-chave: Metodologia, Alfabetização, Letramento.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado é o resultado de pesquisa de intervenção realizada em uma escola municipal de ensino fundamental localizada na área rural do município de Carneiros, estado de Alagoas, no Curso de Graduação em pedagogia.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar as metodologias utilizadas em salas de aula pelos educadores e sua contribuição para o a superação das dificuldades de leitura e da escrita dos educandos de 1º e 2º ano da Escola Municipal.

A motivação dessa temática partiu de experiência como educadora em perceber que os educandos aprovados para o 4º ano, em sua maioria, não possuem competências leitoras e apresentam dificuldades na escrita,

provocando o fracasso escolar e alto índice de repetência no 5º ano do Ensino Fundamental.

Dentro desse contexto questionou-se: Como promover metodologias de ensino que contribuam para a superação das dificuldades de alfabetização e letramento dos educandos de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental?

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi do tipo pesquisa-ação, que segundo Thiollent (1986),

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (MINAYO 2004 pg. 26 apud. THIOLENT 1986)

Analisando o entorno da escola pesquisada, observa-se que é uma comunidade com uma média de trezentas famílias, possui, além da escola, posto de saúde, associação comunitária, igreja católica e alguns pontos comerciais do tipo bares e pequenas mercearias. No aspecto socioeconômico a grande maioria das crianças são de famílias carentes, que sobrevivem da agricultura e pecuária familiar e são beneficiários de programas do Governo Federal.

A escola oferece o ensino nas modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA, nos horários matutino, vespertino e noturno; transporte escolar adequado (ônibus escolares), alimentação escolar regular, possui diretor e coordenador pedagógico. Em relação à estrutura física possui cinco salas de aula, cozinha, banheiro, uma secretaria, pátio pequeno.

Para a realização da coleta de dados, tiveram-se como sujeitos da pesquisa quatro educadores de 1º e 2º ano. Como instrumento desta coleta foram aplicados questionários contendo oito perguntas fechadas, com vistas à obtenção de dados precisos pertinente ao objeto de estudo, e assim compreender como se dar as práticas pedagógicas de sala de aula no tocante as metodologias desenvolvidas pelos educadores para a alfabetização e letramento dos educandos.

Para tratar da temática abordada, utilizou-se de fundamentação teórica sobre alfabetização e letramento baseado em autores como: Libâneo (2002), Magda Soares (1998), Lajolo (1992), Ferreiro e Teberosky (2001), Paulo Freire (1997) e outros.

A escola do campo, nesta pesquisa, é tratada como sugere as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, com suas especificidades, propondo um trabalho não alienado, intervindo nas circunstâncias objetivas que produzem o humano, com uma concepção de educação emancipatória, no horizonte da formação humana dos sujeitos que vivem no campo.

Nesse sentido, a escola deve estar vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, ao modo de produção, à luta pela terra e ao projeto de desenvolvimento no campo; sendo os processos educativos contextualizados com o trabalho, a produção, a família e a vivência cotidiana.

Trata-se de uma educação pensada a partir de sua gente, de seu modo de vida e organização do trabalho, do seu espaço geográfico e de sua organização social; que respeite as identidades culturais. Como bem retrata Molina sobre o novo paradigma da educação do campo:

A ideia de Educação do Campo nasceu em julho de 1997, quando da realização do Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (Enera), no campus da Universidade de Brasília, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), em parceria com a própria UnB, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). (MOLINA, 2004, p. 64-65).

Nesse sentido, para se pensar a escola do campo como espaço de valorização da cultura e de construção de saberes, as práticas pedagógicas e metodologias utilizadas pelo educador devem buscar a experimentação de uma educação transdisciplinar, numa proposta diferenciada de educação que privilegie a troca de saberes, a reflexão, o diálogo, a crítica, o posicionamento e a vontade de transformar a realidade.

Como bem afirma Freire “nossa atitude comprometida e não neutra diante da realidade que buscamos conhecer resulta, num primeiro momento,

de que o conhecimento é processo que implica na ação – reflexão do homem sobre o mundo" (FREIRE, 1976, p. 97).

Enfatiza-se que, a escola, para cumprir o seu papel social, deverá desenvolver nas crianças do campo que nela confiam a sua formação, competências e habilidades para prepará-las para agir conforme as exigências da sociedade contemporânea.

O educador, não se distanciando da realidade dos sujeitos do campo, sentem a necessidade de novas metodologias de aprendizagem para que possam acompanhar as mudanças rápidas e complexas devido ao fluxo de informações variadas.

As crianças da escola campo de pesquisa deste trabalho possuem acesso aos diversos meios de comunicação como rádio, televisão, telefone e que também são veículos de informação, comunicação e aprendizagem.

Portanto, ao chegar à escola, possuem um conhecimento de mundo, que, segundo Freire (1997, p. 11) precede a leitura da palavra. O mundo dessas crianças é cheio de cores, imagens e sons; muito distante do espaço monótono que a escola e o (a) educador (a), em sua prática educativa e metodologia de aprendizagem costuma oferecer.

A escola, no entanto, persiste presa ao modelo monocromático do quadro e giz, sem estímulos para o desenvolvimento do potencial desses alunos e sem atrativos suficientes para garantir o interesse e a motivação.

A escola, para Libâneo (2007), precisa deixar de ser uma agência transmissora de informação para ser um lugar de análise crítica e produção da informação. Os educandos do campo devem aprender a buscar a informação nas mais variadas fontes como: nas aulas, na TV, no rádio, no jornal, no vídeo, no computador, onde quer que seja, mas que haja uma articulação entre o ensino sistematizado e as experiências vividas no cotidiano.

No contexto histórico da educação, o conceito de alfabetização era apenas como o ensino de aprendizado do sistema alfabético de leitura e escrita, na visão de decodificar os sinais e codificar os sons em sinais gráficos.

O educando era considerado uma tabula rasa, sem conhecimentos prévios, onde a aprendizagem acontece pela repetição, memorização, e o professor é o dono do saber, conhecimento e experiência necessária.

Atualmente, considera-se o processo de alfabetização em um sentido mais amplo, ou seja, deve-se alfabetizar e letrar para que possa fazer uso social da leitura e da escrita. E, neste contexto, o (a) educador (a) é o mediador do processo, devendo ser um leitor competente.

Portanto, a escolha da referida temática leva em consideração que o estudo poderá ensejar uma visão fundamentada da realidade do campo que envolve a relação da alfabetização e letramento e suas dificuldades. Espera-se, dessa forma, contribuir para a reflexão sobre as metodologias de aprendizagem deste processo que passem a considerar os resultados de experiências vividas pelos educadores do campo ao longo de seu desenvolvimento profissional.

DESENVOLVIMENTO

O processo de alfabetização e letramento tem sido alvo de preocupação e objeto de pesquisa e discussões entre teóricos e educadores (as) no Brasil, e em particular da educação do campo, devido aos resultados de avaliações educacionais e ao alto índice de educandos que concluem o 5º ano do ensino fundamental, sem apresentarem competências de leitura e escrita, como é também o caso da escola pesquisada.

Para Soares (2008), alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Isso nos remete a um conceito de alfabetização no sentido de letramento atrelado a importância de inserir práticas de leitura e escrita por meio de diferentes portadores de textos desde os anos iniciais, pois quanto mais conhecimento textual o aluno tiver, tanto maior será a compreensão sobre o universo leitor.

Mediante a interação com diversos textos que a prática social de leitura e escrita possibilitam o envolvimento do leitor que ler, reflete, interpreta e sabe

fazer a intermediação e interação entre leitura e escrita, dando sentido ao texto lido, daí a necessidade da conexão entre alfabetização e letramento.

Partindo desta concepção sobre a alfabetização, o letramento constitui-se em um processo que não pode ser dissociado do aprendizado da leitura e escrita, pois ambos contribuem para formação do sujeito.

Segundo Soares (2003) a invenção do letramento no Brasil se deu em meados da década de 80 e só em 2001, é que o Dicionário Houaiss registrou as palavras letramento e letrado, definindo letramento como um conjunto de práticas que denota a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito.

Sendo a palavra letramento de conceito recente e introduzido na linguagem e nas ciências linguísticas a mais de duas décadas, surge em decorrência da necessidade de nomear comportamento e práticas sociais na área de leitura e escrita, que buscassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico.

Nesse sentido, confirma-se a concepção de que alfabetização e letramento são processos complementares e análogos que se iniciam quando a criança começa a ter acesso a diversas situações de leitura e escrita em seu cotidiano. Ela começa a ver placas, rótulos, propagandas, anúncios em televisão, embalagens e outros que irão possibilitar maior participação nas práticas sociais que envolvem o ato de escrita e da leitura como: correspondências, músicas, poemas, rimas, revistas, jornais, etc.

De acordo com Soares, "(...) letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita". (SOARES, 1998, p. 18)

Portanto, na concepção ora apresentada, percebe-se que o processo de letramento constitui-se em um desafio permanente que implica a reflexão das práticas e as concepções adotadas quando se insere a criança do campo no mundo da leitura e escrita.

Com isso, necessita-se de uma análise e criação de metodologias de ensino com o intuito de assegurar os direitos de ler, compreender e produzir textos, sabendo fazer uso social em diversas situações.

A efetivação da prática da leitura e da escrita em sala de aula encontra uma grande barreira devido ao meio social em que a criança do campo pertence. Normalmente, os pais e familiares não leem e quando leem, é com muitas dificuldades pois a maioria das pessoas do campo, principalmente os adultos, é analfabeta ou apenas estudaram até a 4ª série do ensino fundamental.

Por este motivo, por mais que a escola apresente meios diversos de incentivo à leitura e a escrita, dificilmente a criança irá valorizar o ato de ler; as crianças aprendem mais com a vivência diária. E é neste contexto que o (a) educador (a) do campo, e, principalmente do 1º e 2º ano, devem proporcionar metodologias diversas, através de diversos recursos e portadores textuais, incentivando a prática da leitura e da escrita, despertando no educando do campo o gosto e o prazer de ler e escrever.

Segundo Ferreiro e Teberosky (2001) a leitura e a escrita tem sido tradicionalmente consideradas como objeto de instrução sistemática, pertencente à escola. As atividades de interpretação e escrita, na verdade, começam antes da escolarização.

Isto quer dizer que a escrita não é um produto escolar, mas sim, um objeto cultural, construído pela sociedade; e, como objeto cultural, cumpre diversas funções sociais e possui meios concretos de existência, através de placas, propagandas, roupas e outros.

Ferreiro (2001), em “Reflexões sobre alfabetização”, enfatiza a importância do papel do educador, destacando o valor do professor conhecer como o educando pensa, seus interesses e necessidades, pois terá mais referência de como planejar atividades que sejam significativas.

Nessa fase inicial de alfabetização e letramento, faz-se necessário planejar situações em que os educandos sejam motivados a ler e escrever coisas, cuja forma escrita não sabe de memória, e que permitirá ao educador conhecer as hipóteses da criança e quais ideias orientam as escritas estranhas que produzem, e oferecer boas situações de ensino e aprendizagem.

A sondagem diagnóstica é um dos recursos para identificar as hipóteses da escrita. É interessante que se faça no início do ano letivo para perceber o que as crianças pensam sobre a escrita; e, a cada dois meses repetir a sondagem para observar a evolução da escrita do educando.

Os métodos e técnicas didáticas e sua escolha adequada no planejamento de ensino para o processo de alfabetização e letramento é etapa de grande importância para que o educador do campo possa superar as dificuldades apresentadas pelos educandos.

As crianças, ao ingressarem na escola, enfrentam normalmente a rotina de metodologias tradicionais em que as letras, as sílabas e as palavras aparecem vazias, sem sentido. Além disso, os pais, conscientes das dificuldades de aprendizagem em relação à leitura e escrita dos filhos, exigem as atividades para casa e as tradicionais cópias de textos.

Nesse sentido, faz-se necessário repensar a prática superar essa carência, procurando soluções que venham a superar tais dificuldades; e que os educandos deixem de serem copiadores, passando a ter habilidades para decifrar, identificarem, lerem palavras que escrevem.

Segundo Ferreiro,

(...) a cópia é apenas um dos procedimentos usados para apropriar-se da escrita, mas não é o único (nem sequer é o mais importante), aprende-se mais inventando formas e combinações do que copiando; aprende-se mais tentando produzir junto com os outros uma representação adequada para uma ou várias palavras do que fazendo sozinho, exercícios de copiar listas de palavras ou letras (FERREIRO 2001, p. 102).

Tendo em vista as mudanças e exigências que se processam na sociedade letrada em relação ao sujeito considerado alfabetizado, é importante que se tenha um olhar mais atencioso e exigente, assim como, a urgência de inserir o letramento, com revisão, reavaliação e a renovação contínua de práticas metodológicas de leitura e escrita que formem crianças leitoras e escritoras competentes, habilidosas e letradas.

RETRATO DA REALIDADE PESQUISADA

Na escola campo de pesquisa, foram entrevistadas quatro professoras no intuito de analisar como tem sido efetuada a prática de leitura e escrita, com foco nos recursos didáticos e metodologias de ensino, percebendo assim os

problemas que ocasionam a não construção de conhecimentos e capacidade de leitura e da escrita.

De acordo com análise dos resultados, os educadores não possuem nível superior; todos possuem apenas o magistério e estão cursando licenciaturas em áreas diversas. Atuam na docência a mais de cinco anos. Este resultado não é satisfatório na pesquisa, pois o educador para desenvolver práticas que viabilize o aprendizado, deve possuir graduação e formação continuada, além de conhecimentos adquiridos pelo hábito de leitura e escrita, ou seja, que goste de ler para poder incorporar e ampliar estratégias pedagógicas que estimule o educando a adquirir e desenvolver o comportamento leitor.

Quando interrogados acerca das dificuldades encontradas nas dinâmicas de leitura e escrita, o desinteresse do educando foi priorizado em 100% das respostas. Considerando este resultado, constata-se a importância de se desenvolver estratégias de leitura e escrita que despertem o gosto e o prazer pelo ato de ler e escrever, utilizando diversos recursos textuais, tipos de textos.

Sobre a facilidade de assimilação do que os educandos leem e ouvem, 50% respondeu que não apresentam dificuldades e tem facilidade de assimilação, 25% respondeu que às vezes os educandos apresentam dificuldades; e 50% respondeu que possuem dificuldades. O resultado dessa questão ainda é preocupante, pois se confirma a necessidade de práticas de leitura com diversos portadores de textos incentivadores do hábito da leitura e do ouvir o que se lê.

Em relação à frequência sobre o uso de leitura em sala de aula, o resultado apresentado não é muito satisfatório em relação a motivação da leitura, pois apenas um dos entrevistados respondeu que faz uso com frequência do momento de leitura, ou seja, todos os dias. 50% respondeu que realiza a prática de leitura três vezes por semana, e 25% respondeu que faz esse momento dois dias por semana; o que contribui para o fracasso escolar nas turmas de 1º e 2º ano.

Sobre os recursos que utiliza para facilitar a compreensão da leitura, 50% respondeu que utiliza o ditado, e 50% respondeu que utiliza ditado e

interpretação de texto. Com base nas respostas se percebe que a utilização de diferentes estratégias de leitura facilita a aprendizagem.

Quanto aos recursos didáticos disponíveis na escola que facilitem a aprendizagem da leitura e da escrita, as respostas se contradizem, pois 50% respondeu que a escola disponibiliza jogos didáticos, livros de histórias infantis, recursos audiovisuais, recursos visuais e recursos auditivos. 25% respondeu que a escola possui jogos didáticos e livros de literatura infantil; e 25% respondeu que só disponibiliza recursos audiovisuais.

Em relação a utilização dos recursos em sala de aula, que são disponíveis na escola, 50% respondeu que utiliza apenas recursos audiovisuais, 25% respondeu que só utiliza os jogos didáticos e, 25% que utiliza recursos visuais e audiovisuais.

Quanto ao uso de portadores de textos que utiliza para aprendizagem da leitura e escrita dos educandos, todos responderam que só utilizam textos narrativos como contos de fadas, aventura, ficção, lendas, crônicas, piadas e outros. Portanto, constata-se que não têm utilizado textos argumentativos, expositivos e instrucionais que se encontram constantemente no cotidiano do aluno e os quais eles também têm acesso.

RELATOS DA INTERVENÇÃO

Para desenvolver a temática abordada na pesquisa e após confirmar as dificuldades apresentadas pelos educadores em relação ao processo de alfabetização e letramento, aplicou-se a proposta de intervenção pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental, nas turmas de 1º e 2º ano do ensino fundamental.

A proposta de intervenção decorreu em um período de duas semanas e objetivou tornar a sala de aula em um ambiente propício ao desenvolvimento de práticas de leitura e escrita. Foi proporcionado aos educandos atividades de roda de conversa, contação de histórias, momento de socialização das notícias da comunidade, dinâmicas. Também se utilizou de diversos portadores de textos como: música, parlenda, adivinhas, poesias, notícias de jornais, receitas, bulas de remédio, cópia de certidão de nascimento, boleto de pagamento de conta de energia elétrica, uso do dicionário e outros.

Todas as estratégias utilizadas possibilitaram uma interação educando-educador-acadêmica, percebendo-se o interesse dos educandos em interagir nas atividades propostas e o despertar para o gosto pela leitura.

Constatou-se que a maioria ainda necessita de atenção maior, para facilitar e estimular a realização das tarefas, pois apesar de serem instigados de forma lúdica, não sabiam escrever, gráfica e ortograficamente, sendo necessário o auxílio do educador. Outros apresentaram a troca de letras como o “b” pelo “p”, o “t” pelo “d”; dificuldades de alinhamento na escrita e utilização da margem do caderno.

Interessante enfatizar que, no momento da contação de histórias, muitos diziam que a mãe, tios, vizinhos contavam histórias de lobisomem, fogo corredor, de almas, botijas; e com isto confirma-se a concepção de vários teóricos sobre a importância do resgate a cultura local e incentivo as práticas cotidianas de leitura e escrita, através dos conhecimentos prévios dos educandos.

Na atividade proposta com música foi trabalhado o Hino Nacional e houve grande interesse por parte dos educandos, pois se fez a contextualização da história do Brasil e a importância dos povos do campo no desenvolvimento sociocultural e socioeconômico do país. Percebeu-se, após a realização da atividade, que os educandos apresentaram maior entendimento e compreensão sobre a Independência do Brasil.

CONCLUSÃO

Após a realização da referendada pesquisa de intervenção, e de acordo com os estudos realizados e concepções dos autores abordados no decorrer desta, percebeu-se que as práticas de leitura e escrita, possibilitam o processo de alfabetização e letramento, onde o educando de 1º e 2º ano da escola do campo, poderá desenvolver habilidades necessárias de leitura e escrita.

Cabe, portanto, ao professor, criar um ambiente propício para prática de leitura onde os educandos se sintam motivados a ler com prazer, sem o caráter conteudista. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o exercício contínuo de tais

práticas contribui para a construção de várias habilidades e capacidade de leitura e escrita.

Torna-se também primordial a alfabetização e o letramento do educando de 1º e 2º ano do ensino fundamental, através do uso efetivo desse processo utilizando diferentes portadores de textos, pois estes constituem um elemento motivador e facilitador para que o educando construa o seu conhecimento e comportamento leitor, fazendo da leitura uma prática prazerosa.

A leitura e a escrita por meio de diferentes portadores de textos permitem ao educando a sua inserção e participação da cultura letrada em que por meio das experiências vivenciadas em seu cotidiano do campo, terá oportunidade de ampliar e diversificar conhecimentos e que irá proporcionar o desenvolvimento de sua capacidade intelectual, compreendendo que sua prática cotidiana não é diferente da prática escolar.

Portanto, que as práticas voltadas para o processo de alfabetização e letramento sejam voltadas para a realidade do campo onde o educando está inserido, de uma forma contextualiza e transversal. Que estejam além dos muros da escola, para que o educando confronte, com frequência, com situações de interação escola-família e comunidade.

Geralmente, a prática de ler histórias, recitar poesias, fazer dramatizações, reconto, interpretação, é aceita com certa dificuldade pelos educandos, que apresentam falta de atenção, desconcentração; mas que, a prática diária e efetiva, aos poucos vai produzindo a mudança de comportamento em relação à leitura.

Quando o educando conhece e convive com diferentes portadores de textos faz reflexões, formula hipótese e tira conclusões, contribuindo para que adquira o hábito e o gosto de ler e conseqüentemente de escrever.

De acordo com a concepção de alfabetização e letramento ora apresentada, e a realização da intervenção na Escola Municipal, obteve-se o início de um processo de desenvolvimento leitor nas crianças de 1º e 2º ano, refletindo no melhor aprendizado, assim como, um processo de reflexão da prática do educador da escola do campo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARROYO, Miguel G. da. **Escola coerente à Escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997
(Coleção Educação popular – nº 8.)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **1921 – A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 34 ed. São Paulo: Cortez, 1997. – (Coleção questões de nossa época; v.13).

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 2002 - 18º ed.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.